

## TEXACO, UMA SAGA NO CARIBE

Keila Prado Costa

### RESUMO

Este artigo apresenta uma leitura de *Texaco* a partir das alegorias narrativas criadas por Patrick Chamoiseau para compô-lo como a saga de um povo em busca de seu “Lugar Mágico”. Com atenção à intertextualidade entre o romance de Chamoiseau e o texto bíblico, buscamos identificar as implicações que o papel da luta pelo espaço terá na realização do desejo das personagens.

PALAVRAS-CHAVE: *Texaco*, espaço, identidade.

Era por sua voz que a Cidade, pela primeira vez,  
dirigia-me diretamente a recusa milenar. (...)  
Nada mais a fazer, senão resistir até a morte.

*Patrick Chamoiseau – Texaco*

**N**a quarta capa da edição brasileira de *Texaco* (Companhia das Letras, 1993), há algumas notas sobre o romance. Uma delas, a assinada pelo periódico *Jeune Afrique*, assinala: “É como uma saga contada à noite pelos idosos numa praça de aldeia. É como um *spiritual* sussurrado numa igreja, que contaria os sofrimentos e a esperança de um povo”.

Ao abrir o livro, o leitor depara-se imediatamente com um resumo cronológico de uma sucessão de fatos. Intitulado “Marcas cronológicas de nossas investidas para conquistar a cidade”, essa parte do texto apresenta informações históricas da Martinica, alternadas por acontecimentos que marcam o enredo do romance, dividido em cinco partes: “Tempos de tabas e tijupás” (das tribos indígenas que ocupavam as ilhas antilhanas à chegada de Colombo e à importação maciça de negros africanos); “Tempos de palha” (do sistema de *plantation* à erupção da Montanha Pelée que destrói Saint-Pierre, a capital do

país); “Tempos de madeira de caixote” (período da Primeira Guerra Mundial e de grande fome na Martinica), “Tempos de fibrocimento” (da eleição de Aimé Césaire para prefeito de Fort-de-France à invasão de Texaco); e “Tempos de concreto” (da visita De Gaulle à Martinica à morte de Marie-Sophie Laborieux, a fundadora de Texaco).

Apenas pelas descrições desse capítulo preliminar, algumas características vão corroborar a leitura da estrutura do romance como saga. No entanto, distante da antiga mitologia escandinava pré-cristã da Era Viking politeísta, a saga composta por Patrick Chamoiseau se estabelece por meio de uma sucessão de eventos e peripécias que dialogam constantemente com a tradição cristã e com os textos bíblicos, colocando o leitor diante de parábolas, tábuas, sermões e de um novo Cristo. A composição lexical e a estrutura narrativa do romance funcionam como fios que alinhavam essa aproximação ao resgatar expressões consagradas da linguagem cristã, constituindo o que pode ser observado como uma saga cristã no Caribe.

Em uma espécie de paralelo com a busca da Terra Prometida, as personagens de *Texaco* desejam encontrar seu lugar no mundo, o local que chamam “Lugar Mágico”, onde recuperariam as liberdades furtadas pela escravidão e pelo período colonial. Esse lugar, Texaco, é uma favela, o que lhes impõe uma nova luta.

No pós-abolição martinicano, as cidades são os espaços dos sonhos e desejos, lugares de novas histórias e relações sociais para os ex-escravos. O ambiente urbano, porém, tal qual os antigos campos e fazendas, também possui regras, leis e convenções, o que exige adaptação daqueles que o escolhem para viver. A construção de Texaco nos terrenos da Companhia Petrolífera Multinacional homônima rompe essas regras, em uma ocupação irregular, ilegal e precária. Ao longo da narrativa, é possível acompanhar todo o processo de luta que seus moradores travam com os donos do terreno, a polícia e a prefeitura, e que culmina com a consolidação de Texaco como um bairro formalmente constituído na cidade de Fort-de-France.

Toda a história de formação, desenvolvimento e consolidação de Texaco está narrada em cada uma das cinco partes das “Marcas Cronológicas”, que começa seu texto com o adjunto adverbial “Naquele tempo”<sup>1</sup>. Os capítulos

---

<sup>1</sup> Todas as expressões apresentadas neste artigo, que fazem referência aos textos bíblicos em português, também coincidem com as expressões bíblicas em francês. Para a comparação

seguintes são apresentados divididos em partes distintas: “Anunciação”; “O sermão de Marie-Sophie Laborieux” e “Ressurreição”. “O sermão de Marie-Sophie Laborieux” apresenta ainda uma subdivisão: “Tábua Primeira” e “Tábua Segunda”. No livro, esse vocabulário ainda é combinado a outros recursos de linguagem que também aparecem no texto bíblico, como a repetição e a polifonia narrativa de um mesmo acontecimento.

No artigo “Fonctions et Enjeux de la Parole dans *Texaco* (Patrick Chamoiseau)”, Luce Czyba considera que essa construção narrativa inspirada no modelo evangelista conota humor e seria uma indicação de que o romance de Chamoiseau produz esperança às questões que apresenta.

Le modele des Évangiles, dont Chamoiseau s’inspire de façon explicite pour structurer son roman et dont il joue avec humour, en particulier grace aux commentaires entre parenthèses qui accompagnent les titres des chapitres, contribue fortement à produire le sens d’une oeuvre qui, tout en signifiant l’amertume de souffrances ancestrales et contemporaines, exprime le goût de la vie et l’espérance. Le recours à l’humour révèle ici la distance prise par rapport aux événements et la combativité, le plus souvent allègre, qui caractérise celle qui raconte<sup>2</sup>. (CZYBA, 1999)

A relação que Chamoiseau estabelece com o modelo bíblico permite a atualização de mitos e alegorias num contexto distinto, o martinicano, cujo resultado se expressa no processo interno da narração por meio de uma pedagogia retórica que emociona, ensina e transforma o destino do espaço e das personagens do romance. O desfecho positivo da narrativa toma o principal dogma da cristandade como metáfora, pois mesmo que não haja uma verdadeira “morte” de *Texaco*, já que a favela não chega a ser removida pela prefeitura, a ressurreição narrada no epílogo do livro conclama a passagem da negação de sua existência para o desejado reconhecimento legitimado, capaz

---

com o texto original de Chamoiseau, utilizei uma edição de *La Bible de Jérusalem*, publicada pela Desclée de Brouwer, Paris, 1975.

<sup>2</sup> CZYBA, L. “Fonctions et enjeux de la parole dans *Texaco* (Patrick Chamoiseau)”. *Annales Littéraires de l’Université de Franche-Comté. Vers une sémiotique différentielle*, 1999. p. 193-209.

de incorporar o espaço à cidade, vislumbrando a seus moradores a condição de cidadãos, antes furtada a seus ancestrais.

Desse modo, a esperança que menciona Czyba não é consequência de uma resignação diante de um fato irrevogável, como prega a fé cristã, que vê a morte como passagem para a vida eterna – aparentemente mais justa que a experimentada no mundo mortal. Em Chamoiseau, ela assume a finalidade de um processo longo e contínuo de busca por uma vida plena que só se realiza por ações empreendidas na própria existência, no caso, em embates políticos, culturais e sociais. As referências diretas às imagens bíblicas formam um paralelo entre percursos de pessoas em busca de um lugar para se estabelecer, cujas frases e expressões apresentam um efeito irônico ao transformar o espaço da favela – marcado pela precariedade – em uma alegoria da Terra Prometida.

### **Pregações, escrituras e cadernos**

O enredo de *Texaco* se desenrola a partir da narração da personagem Marie-Sophie Laborieux sobre a história de formação dessa favela (chamada por ela de “bairro crioulo” e “bairro comunitário”) ao narratário, Oiseau de Cham, que é quem escreve o romance. Na verdade, mais especificamente, ela conta a ele a narração que fez dessa história ao urbanista Cristo, enviado pela Prefeitura para demolir o assentamento. Nesses discursos, Marie-Sophie recupera ainda os ensinamentos que seu pai, Esternome, lhe passara ao longo de sua vida. Assim, ela apresenta a história de luta que tiveram até a formação de *Texaco*, retomando percalços vividos por ela, seu pai e seu povo – os negros escravos trazidos da África no período de colonização das Américas. Ela retoma a trajetória de sua própria vida e a entrelaça com a trajetória dessa favela.

O processo de Marie-Sophie Laborieux para se fazer ouvir pelo urbanista é o mesmo que Esternome utilizara com ela. Ele passava longas horas contando para a filha as histórias de seu povo, cujo resultado nada mais era que a herança dos sofrimentos, esperanças, ausências, carências, sonhos dos antigos escravos, para que a filha pudesse ter consciência do percurso de seus antepassados, pudesse valorizar sua própria origem e continuar sua luta: estabelecer-se e reconhecer-se como indivíduo neste espaço das Américas. A filha, mais do que ouvinte, era quem registrava tais histórias por escrito, anotando aquilo que seu pai lhe dizia em seus cadernos.

De certo modo, esse procedimento também aproxima *Texaco* da tradição cristã. Os evangelhos bíblicos teriam tido o mesmo processo: aqueles que ouviram de Jesus Cristo seus ensinamentos – Mateus, Marcos, Lucas e João – registraram tais histórias para a posteridade. E assim como um leitor do livro sagrado do cristianismo só conhece o que Jesus teria dito mediante o que outros escreveram, só conhecemos o que dizia Esternome pelos registros de Marie-Sophie. Vale destacar que a estratégia das pregações orais de Cristo, por meio de parábolas, também pode ser associada à maneira como o ex-escravo orienta sua filha. Em ambos os casos, o objetivo é ensinar lições de vida, de modo simples, claro e apreensível. No romance de Chamoiseau, essa construção fundamentada na tradição oral marca o enredo inclusive pela utilização de expressões próprias do crioulo<sup>3</sup>.

Outra característica que também é bastante recorrente em *Texaco* é a repetição das histórias ou das situações distintas que são apresentadas sob perspectivas diferentes, como a chegada do urbanista à favela, narrada do ponto de vista de três moradores. Esse recurso também é bastante similar aos processos do texto bíblico. No livro cristão, e em toda a filosofia que fundamenta a religião, a repetição faz parte da pedagogia catequética.

De acordo com a construção de Patrick Chamoiseau, a história de *Texaco* se desenvolve a partir da narração de Marie-Sophie Laborieux ao urbanista, contando toda a sua história, dentro da qual está subjugada toda a história que lhe fora narrada por seu pai. Contudo, o leitor não tem acesso a essa narração no momento em que ela ocorre. Na verdade, o processo acontece quando a narradora-protagonista conta a Oiseau de Cham o modo como ela falou sobre essa história a Cristo. Ao final da parte “Anunciação”, onde esse processo de narração da narração está descrito, há a seguinte fala de Marie-Sophie a Oiseau de Cham:

Foi provavelmente assim, Oiseau de Cham, que comecei a lhe contar a história de nosso Bairro e de nossa conquista da Cidade, a falar em nome de todos nós, defendendo nossa causa, contando minha vida...

---

<sup>3</sup> Língua oral formada a partir da mistura de línguas africanas e europeias, no caso da Martinica, o francês, utilizada especialmente pelos escravos e seus descendentes.

- E se não foi assim, não faz mal...<sup>4</sup> (CHAMOISEAU, 1993, p. 34)

O caráter testemunhal de Chamoiseau aludido pelo nome “Oiseau de Cham” do narratário também é algo recorrente à concepção bíblica. Moisés teria recebido as duas tábuas com os mandamentos da aliança com o povo diretamente das mãos de Deus e, no caso dos evangelhos, os textos são atribuídos a homens que supostamente conviveram com Cristo e ouviram pessoalmente suas pregações. A encenação desse testemunho forja verossimilhança ao contexto de narração e faz recair qualquer imprecisão dos fatos à sua Informante, Marie-Sophie, que declara irrelevante assegurar que a história que conta tenha acontecido exatamente como diz.

Assim, Patrick Chamoiseau constrói um jogo nesse processo discursivo entre oralidade e escrita, em que a memória é um constante mecanismo de conhecimento. Em cada narração de sua história e da história de Texaco, Marie-Sophie revisita as lembranças de seu passado, que nem sempre reaparecem sob a mesma perspectiva, com os mesmos detalhes e palavras.

Ao longo do livro, esse caráter inconstante e lacunar da memória aparece sempre como questão quando ligada à oralidade, isto é, nas narrações que Marie-Sophie faz de suas histórias. Na escrita, ele se dissolve, ou melhor, a imprecisão da memória não passa por questionamentos. Escrever seria um modo de perpetuar as lembranças; por isso, Marie-Sophie afirma que o que é duvidoso da história de Texaco é aquilo que ela narra e não o que escreveu dos discursos de seu pai. Do mesmo modo, é possível inferir que é no discurso dela que há possibilidades de equívocos, e não no que Oiseau de Cham efetivamente registra e transforma em livro. Afinal, ele é um Marcador de Palavras.

Nessa passagem da oralidade à escrita, *Texaco* apresenta recursos que encenam a intertextualidade entre vários escritos na composição do romance. Ao longo do livro, há a inserção de trechos que seriam dos cadernos de Marie-Sophie, excertos de notas do urbanista Cristo e do próprio Oiseau de Cham. Ao todo, são 31 fragmentos atribuídos aos cadernos de Marie-Sophie Labo-

<sup>4</sup> C'est sans doute ainsi, Oiseau de Cham, que je commençai à lui raconter l'histoire de notre Quartier et de notre conquête de l'En-ville, à parler en notre nom à tous, plaidant notre cause, contant ma vie... - Et si c'est pas comme ça, ça n'a pas d'importance... (CHAMOISEAU, 1992, p. 41).

rieux, 20 notas do urbanista ao Marcador de Palavras e 2 fragmentos de cartas do Marcador à Informante. Além da última parte do romance, “Ressurreição”, que é uma espécie de explicação de Oiseau de Cham sobre como o texto foi escrito, reiterando o processo de criação do livro.

A justaposição de todos esses textos de naturezas diferentes mimetiza a essência reivindicada de *Texaco* – história e formação de um espaço e comunidade, pautadas na coletividade. Por isso, o romance é, de certo modo, também resultado de um esforço coletivo. O Marcador de Palavras escolhe e “marca” os textos de Marie-Sophie e do urbanista dentro de seu próprio texto e cria uma nova composição com essas vozes. No livro *Bíblia – livro feito em mutirão*<sup>5</sup>, Carlos Mesters recupera esse mesmo procedimento na composição do livro sagrado do cristianismo, que é resultado da reunião de diversos livros, escritos por pessoas diferentes e em épocas distintas, que também narram a história e a formação de uma comunidade, a do povo de Israel. Assim, os cadernos de Marie-Sophie, as anotações do urbanista e o texto de Oiseau de Cham compõem uma relação similar ao do processo de reunião da Bíblia. Em 1993, logo após a publicação do romance, Thomas C. Spear escreveu uma resenha sobre *Texaco* em que considerava que essa construção intertextual intercalada promove interrupções às longas descrições e fornece pistas para o que será descrito nos momentos seguintes, mas considera também que essa composição, no final do livro, torna-se redundante<sup>6</sup>.

De fato, esse procedimento é repetitivo no texto, mas a interação entre esses fragmentos enriquece a narrativa corrente, pois, em geral, os trechos trazem considerações íntimas dessas personagens acerca das questões que estão sendo discutidas no romance. Elas funcionam como um pensar sobre si a partir de toda a complexidade que envolve a trama.

---

<sup>5</sup> MESTERS, Carlos. *Bíblia – livro feito em mutirão*. São Paulo: Editora Paulus, 1997.

<sup>6</sup> Marie-Sophie’s narration of Esternome’s story is interspersed with citations from her notebooks wherein she writes, in the first-person, as her father. These interjected passages add to Chamoiseau’s awkward stitches of narrative voice in the principal text. Passages from her notebooks, from the notes of the “Marqueur de Paroles” (Chamoiseau) or from the “urbaniste” are inserted throughout the novel. These interruptions occasionally break up lengthy descriptions but are inconsistently relevant to the next into which they are placed; towards the end of the novel, some are remarkably redundant. (SPEAR, T.C. “*Texaco* by Patrick Chamoiseau”. *The French Review*, Vol. 67, Nº. 1. (Oct., 1993), p. 157-158.)

Nisso que estou lhe dizendo aí tem a quase-verdade, a às-vezes-verdade, e a verdade pela metade. Contar uma vida é isso, trançar tudo isso como a gente trança as curvas da pindoba para levantar um barraco. E a verdade-verdade nasce desse trançado. E tem mais, Sophie, a gente não deve ter medo de mentir, se você quiser saber tudo...<sup>7</sup>

Caderno nº 1 de Marie-Sophie Laborieux.  
Página 3. 1965. Biblioteca Schoelcher.  
(CHAMOISEAU, 1993, p. 116)

Tudo o que se fez foi chorar pela insalubridade de Texaco e desses outros Bairros. Mas eu quero levar em conta o que eles dizem. Ouço-os soletrar o outro poema urbano, de ritmo novo, desnorteante, que precisamos decifrar e, inclusive, acompanhar... Pegar essa poética sem medo de sujar as mãos com o estado de sua ganga. Que barbárie seria demolir esse sistema, e que recuo inacreditável.<sup>8</sup>

Nota do urbanista ao Marcador de Palavras.  
Pasta nº 6. Folha XVIII.  
1987. Biblioteca Schoelcher  
(CHAMOISEAU, 1993, p. 132)

<sup>7</sup> Dans ce que je te dis là, il y a le presque-vrai, et le parfois-vrai, et le vrai à moitié. Dire une vie c'est ça, natter tout ça comme on tresse les courbes du bois-côtelettes pour lever une case. Et le vrai-vrai naît de cette tresse. Et puis Sophie, il ne faut pas avoir peur de mentir si tu veux tout savoir... Cahier nº1 de Marie-Sophie Laborieux. Page 3. 1965. Bibliothèque Schoelcher. (CHAMOISEAU, 1992: 160)

<sup>8</sup> On n'a fait que pleurer l'insalubrité de Texaco et de ces autres Quartiers. Moi je veux m'inquiéter de ce qu'ils disent. Je les entends épeler l'autre poème urbain, au rythme neuf, déroutant, qu'il nous faut décoder et même accompagner...Prendre leur poétique sans craindre de se salir les mains des états de sa gangue. Quelle barbarie ce serait de raser ce système, et quel recul sans nom. Note de l'urbaniste au Marqueur de paroles. Chemise nº 6. Feuillet XVIII. 1987. Bibliothèque Schoelcher (CHAMOISEAU, 1992: 186)

[...] Como a senhora me pediu, não redigi a parte em que me falava da morte de seu pai, Esternome Laborieux. Apenas conservei os seus desabafos sobre a velhice dele – a lenta decomposição. Isso me parecia útil salientar a que ponto o fato de vê-lo desaparecer só lhe deixava de seu pai as palavras de sua memória. Dito isso, se algum dia a senhora mudar de ideia, gostaria de poder redigir essa parte; avaliar com palavras aquele momento ímpar que a senhora criou ao me falar de si, mocinha, descobrindo a morte de seu pai naquele barraco das Terres-Sainville. Evidentemente, também espero que a senhora se recuse para sempre; é preciso lutar contra a escrita: ela transforma em indecência o indizível da palavra...<sup>9</sup>

647<sup>a</sup> carta do Marcador de Palavras para a Informante.  
Pasta nº XXXI. 1988. Biblioteca Schoelcher  
(CHAMOISEAU, 1993, p. 181)

No caso dos excertos dos cadernos de Marie-Sophie Laborieux, que apresentam sempre frases, opiniões e direcionamentos de seu pai, Esternome, a relação entre o que ela é e vive, e o que conta ao urbanista ou ao Marcador de Palavras, está diretamente ligada ao que seu pai lhe designou. Existe uma herança que Marie-Sophie recebe de Esternome e aceita dar continuidade. É o que a motiva a construir e a lutar por Texaco e o que justifica toda a sua argumentação para o urbanista da prefeitura.

Nas primeiras citações de seus cadernos, os trechos apresentam considerações sobre fatos históricos e questões geográficas da Martinica, exatamente

---

<sup>9</sup> (...) Comme vous me l'aviez demandé, je n'ai pas rédigé la partie où vous me parliez de la mort de votre père, Esternome Laborieux. J'ai juste conservé vos épanchements sur sa vieillesse – sa lente décomposition. Cela me paraissait utile pour souligner à quel point de le voir disparaître, ne vous laissait de lui que les paroles de sa mémoire. Ceci étant, si un jour vous changiez d'avis, j'aimerais pouvoir rédiger cette partie; considérer avec des mots ce moment sans pareil que vous aviez créé en me parlant de vous, jeune fille, découvrant la mort de votre père dans cette case des Terres-Sainville. Bien entendu, j'espère aussi que vous refuserez à jamais; il faut lutter contre l'écriture: elle transforme en indécence, les indicibles de la parole... 647<sup>a</sup> lettre du Marqueur de paroles à l'Informatrice. Chemise nº XXXI. 1988. Bibliothèque Schoelcher. (CHAMOISEAU, 1992, p. 257-258).

de acordo com o que ela escrevera dos discursos de seu pai e que fundamentara a formação de seu “bairro-crioulo”. Assim, enquanto a narrativa regular explica a vida dos negros como escravos nas plantações de cana-de-açúcar, a citação do caderno de Marie-Sophie traz uma anotação do discurso de Esternome sobre o mesmo assunto:

A casa-grande erguia-se no centro das dependências, das construções e das palhoças. A partir dela, irradiavam-se os canaviais, as hortas, os terraços de café subindo a ladeira das árvores de madeira de lei. Dominava tudo, parecia tudo aspirar. O cansaço dos bois, o desespero dos escravos, as belezas da cana (...). Os escravos avistavam-na de qualquer lugar de onde trabalhassem, e mantinham o olhar furtivo que teríamos mais tarde diante das cidades ou de suas catedrais.<sup>10</sup> (CHAMOISEAU, 1993, p. 48)

Eles diziam com suas palavras: *escravizar*. Para nós era ouvir: *estrabalhar*. Quando souberam disso e passaram a nos chamar, ao nos aproximarmos, de *Estrabalhador*, já tínhamos resolvido esse problema de ideia de trabalho... quá-quá-quá, a palavra ia abrindo caminho, Sophie, a palavra ia deixando vestígios, como uma arma...<sup>11</sup>

Caderno nº 2 de Marie Sophie Laborieux.

Página 9. 1965. Biblioteca Schoelcher.

(CHAMOISEAU, 1993, p. 51)

<sup>10</sup> La Grand-case s'élevait au centre des dépendances, des bâtiments et des paillotes. A partir d'elle, rayonnaient les champs, les jardins, les emblavures de café escaladant la pente des arbres au bois précieux. Elle dominait le tout, semblait tout aspirer. Le harcèlement des boeufs, le désarroi des nègres, les belletés de la canne (...). Les nègres l'apercevaient des partout du travail, em gardaient l'oeil furtif que nous aurions plus tard sur la face des En-villes ou de leur cathédrale (CHAMOISEAU, 1992, p. 61).

<sup>11</sup> Ils disaient avec leurs mots: *l'esclavage*. Pour nous c'était entendre: *l'estravaille*. Quand ils le surent et dirent à leur tour *L'estravaille* pour nous parler en proximité, nous avions déjà raccourci l'affaire sur l'idée de travail... hi hi hi, la parole sillonnait, Sophie, la parole sillonnait comme une arme... Cahier nº 2 de Marie-Sophie Laborieux. Page 9. 1965. Bibliothèque Schoelcher. (CHAMOISEAU, 1992, p. 65).

O mesmo acontece com as inserções atribuídas ao urbanista e ao Marcador de Palavras. São nos momentos de embate sobre a permanência ou não dos moradores no terreno de Texaco que surgem as reflexões de Cristo. Dessa maneira, o leitor, ao mesmo tempo em que acompanha a narração de Marie-Sophie, também observa progressivamente o impacto dela na assimilação do urbanista.

O discurso de Marie-Sophie é íntimo, quase confessional, pois ela estabelece uma relação de confiança com seus ouvintes – seja o urbanista Cristo ou Marcador de Palavras, Oiseau de Cham. Sem dúvida, essa é uma estratégia importante que ela utiliza para assegurar o êxito daquilo que deseja: fazer de Texaco o bairro de todas aquelas pessoas que lá estão e que anseiam por conquistar a Cidade. Os resultados desses esforços são bem-sucedidos e se revelam nos textos atribuídos a seus interlocutores.

## Terra Prometida, Lugar Mágico

Retomando a inspiração cristã no romance, é possível ler essa trajetória de Texaco em paralelo à história do povo hebreu descrita no livro do *Êxodo*. De acordo com o texto bíblico, os hebreus viviam escravizados pelos egípcios. Deus, o pai poderoso, promete tirá-los de tal sofrimento instruindo Moisés a conduzi-los até a Terra Prometida, onde todos poderiam se fixar, se estabelecer e viver sob os preceitos de suas crenças e tradições. Nessa Terra Prometida, onde correria leite e mel, Deus cumpriria sua obra:

Javé disse a Moisés: “Veja! Vou fazer uma aliança. Vou realizar diante de seu povo maravilhas como nunca foram feitas em nenhum país ou nação: todo o povo que rodeia você verá a **obra** impressionante que Javé vai realizar com você”<sup>12</sup>. (ÊXODO, 34:10)

De acordo com a narradora, Texaco é também uma obra: “Meu interesse pelo mundo resumia-se a Texaco, minha **obra**, nosso bairro, nosso campo

---

<sup>12</sup> Il dit: «Voici que je vais conclure une alliance: devant tout ton peuple je ferai des merveilles telles qu'il n'en a été accompli dans aucun pays ni aucune nation. Le peuple au milieu duquel tu te trouves verra l'oeuvre de Yahvé, car c'est chose redoutable, ce que je vais faire avec toi. (EXODE, 34:10) *La Bible de Jérusalem*, Desclée de Brouwer, Paris, 1975.

de batalha e de resistência. Ali levávamos adiante uma luta pela Cidade, começada já havia mais de um século<sup>13</sup> (CHAMOISEAU, 1993, p. 33). E se Moisés fora instruído pelo “Pai” a conduzir seu povo até a Terra Prometida, Marie-Sophie também fora orientada por seu pai a buscar, construir e lutar pelo espaço de um povo:

Os que ali viveram (meu pai só ficou sabendo quando chegou às terras livres), uma porção de indivíduos também tinha vivido. Eles estavam no Norte, outros no Sul, outros ainda no meio da ilha. Tanto assim que, para me divulgar essa odisseia oculta, meu Esternome empregou frequentemente o termo *noutéka, noutéka, noutéka*. Era uma espécie de *nós* mágico. Em seu entender, ele carregava um destino coletivo quando se referia a esse *nós* que o atormentou em seus últimos anos. (...) já passei um bom pedaço de minha vida, nos dias de meus cadernos, a escrever um pouco o que ele me dizia. O que me tomou um tempo que eu não imaginava. Por quê? Porque sem compreendê-lo, eu havia compreendido o seguinte: nosso *Texaco* estava brotando no meio de tudo isso...<sup>14</sup> (CHAMOISEAU, 1993, p. 116).

Assim, do mesmo modo que Deus realiza sua obra, sua aliança com o povo por meio de Moisés, Esternome encontra seu destino coletivo por meio de sua filha, que transforma o desejo do pai em sua própria obra. Num sentido amplo, a “Obra” de Deus no livro do *Êxodo* tem como fim destinar um espaço

<sup>13</sup> Mon intérêt pour le monde se résumait à Texaco, mon oeuvre, notre quartier, notre champ de bataille et de résistance. Nous y poursuivions une lutte pour l’En-ville commencée depuis bien plus d’un siècle (CHAMOISEAU, 1993, p. 39).

<sup>14</sup> Ce qu’ils vécutent là (mon papa ne le sut qu’une fois dans les terres libres), des lots de bougres l’avaient vécu aussi. Eux étaient au nord, d’autres au sud, ou encore au mitan du pays. Si bien que pour me divulguer cette odyssee voilée, mon Esternome utilisa souvent le terme de *noutéka, noutéka, noutéka*. C’était une sorte de *nous* magique. A son sens, il chargeait un destin d’à-plusieurs dessinant ce nous-mêmes qui le bourrelait sur ses années dernières. (...) déjà passé une vaillance de ma vie, aux jours de mes cahiers, à marquer un peu de ce qu’il me disait. Cela me prit un temps que je ne mesurais pas. Pourquoi? Parce que sans le comprendre j’avais compris ceci: notre *Texaco* bourgeonnait dans tout ça...(CHAMOISEAU, 1992, p. 160-161).

onde as pessoas possam se fixar, reconhecendo-o como o “seu lugar” no mundo. Em *Texaco*, a obra de Marie-Sophie se fundamenta na mesma finalidade. Além disso, tanto na Bíblia quanto no texto de Chamoiseau, esses lugares se opõem diretamente aos espaços anteriores onde se encontravam as pessoas e as personagens – ambos ícones de processos de escravidão: os hebreus, escravos dos egípcios no Egito; os negros, escravos dos brancos franceses nos campos de plantação de cana-de-açúcar.

Vale observar, ainda, que o princípio dessas buscas pelo espaço em cada um dos livros, *Êxodo* e *Texaco*, se dá por um processo em que os subjugados, sem direitos ou posses, estão em espaços estranhos àqueles em que naturalmente viviam. No primeiro caso, o povo sai do Egito em direção à chamada Terra Prometida. No segundo, os negros escravos deixam as fazendas onde trabalhavam nos canaviais em direção a um Lugar Mágico.

Quando Marie-Sophie chega a *Texaco* pela primeira vez e descobre os terrenos da Companhia Petrolífera, compreende que aquele não era apenas o seu lugar, mas era também o lugar desse “nós” mágico coletivo do qual seu pai falava, pois ela vê naquele espaço um verdadeiro lugar “mágico”:

Certa noite, indo não sei aonde, saí do casulo da Doum. Andava entre os tonéis. Seguindo as longas tubulações, cheguei ao cais. (...) Senti ventos favoráveis vindos de longe, trazendo rumores de ilhas para a margem de nosso silêncio. Rumores que margeavam o eflúvio de gasolina e uniam-se àquelas bridas que varrem o Margot-Bellevue levantando os aromas da terra. O lugar era mágico<sup>15</sup>. (CHAMOISEAU, 1993, p. 263-264)

Ao nos determos no caso martinicano, explorado em *Texaco*, é possível se deparar com o que Édouard Glissant considera a respeito das consequências do processo escravista na cultura antilhana. Glissant caracteriza os negros

---

<sup>15</sup> Une nuit, allant je ne sais où, je sortis du cocon de la Doum. Je m’avançai à travers les tonneaux. Suivant les longs tuyaux, je parvins sur le quai. (...) Je sentis les meilleurs vents venir de loin, charrier des rumeurs d’îles au bord de notre silence. Elles ourlaient l’effluve de gasoline et se nouaient à ces souffles qui balayaient le Margot-Bellevue en soulevant les senteurs de la terre. L’endroit était magique (CHAMOISEAU, 1993, p. 379).

africanos trazidos para trabalhar nas Américas como *migrantes nus*<sup>16</sup>. Por esse conceito, ele entende que os africanos foram tirados à força de seu espaço natural de nascimento e vida, e, ao chegar ao Novo Continente, sofreram pelo menos três depossições que repercutiram enormemente em suas vidas: as depossições do *espaço*, da *língua* e da *história*. Sem essas três posses, o negro escravo não consegue se enxergar como indivíduo e perde sua subjetividade.

As noções de Glissant, que também inspiram Chamoiseau, aparecem em *Texaco*, apresentando as depossições do espaço, da língua e da história.

Como já dito aqui, por meio da narração da história pessoal de Marie-Sophie apresentam-se os meandros de uma parte da história de formação da própria Martinica, em que profundas marcas advêm do processo de escravidão. O texto de Chamoiseau faz questão de retomar tais fatos, subvertendo-os pela ação das personagens. A certa altura, é o percurso de Esternome e Marie-Sophie como fragmento desse processo histórico que sobressai no enredo, a despeito do que poderiam ser seus eventos particulares.

De certo modo, essa articulação entre histórias pessoais e a História na leitura de Patrick Chamoiseau não é algo singular a sua obra. Segundo Romuald Fonkoua<sup>17</sup>, professor da Universidade Marc Bloch - Strasbourg II, a história (ou mais precisamente a sua ausência) é um tema recorrente na literatura antilhana, que se manifesta fortemente na produção dos escritores, justificando, em alguns casos, o enredo e a trama das narrativas. Essa manifestação, ainda de acordo com a leitura de Fonkoua, é assinalada pela construção da história por meio de sagas familiares.

Chez Chamoiseau, Confiant, Corbin, Glissant, Maximin ou même Marje-Reine de Jaham, la petite histoire, l'histoire des petites gens, l'histoire personnelles et l'histoire de la vie quotidienne font la grande histoire. Les sagas familiales construisent des modalités historiques comme on peut le lire aussi bien dans les volumes de *La Grande Béké* que dans l'épopée des Batoutos imaginée par Glissant dans *Sartorius*. (FONKOUA, 2006, p. 20).

<sup>16</sup> GLISSANT, Édouard. *Introduction à une Poétique du Divers*. Presses de l'Université de Montréal, 1995.

<sup>17</sup> FONKOUA, Romuald. "Littérature antillaise et histoire: écrire "l'histoire des peuples sans histoire". *Notre Librairie* 161, mar – mai, 2006.

As personagens de *Texaco* sofreram as depossições observadas por Glissant, e, sem História, sem Passado que os identifique como povo nesse novo espaço, são os episódios pessoais de suas trajetórias que vão compor essa tradição maior.

Oh, Sophie, meu coração, você diz “a História”, mas isso não quer dizer nada, há tantas vidas e tantos destinos, tantas trilhas para fazer nosso único caminho. Você, você diz a História, eu, eu digo *as histórias*. Aquela que você acredita ser a raiz de nossa mandioca é apenas uma raiz entre um bocado de outras...<sup>18</sup>

Caderno nº 6 de Marie-Sophie Laborieux  
Página 18. 1965. Biblioteca Schoelcher  
(CHAMOISEAU, 1993, p. 87)

As palavras de Esternome a Marie-Sophie condizem com o que Fonkoua observa em Chamoiseau. Em *Texaco*, a História decorre das implicações do processo de colonização das Américas, do resgate das histórias dos que foram escravizados e de seus anseios após a abolição. Além disso, ela está presente em todo o romance, por meio de citações, datas e acontecimentos que alteram a vida das personagens:

Essa cronologia da história da Martinica inclui, na sucessão dos acontecimentos da História “oficial” – a chegada dos franceses, a abolição da escravidão, as duas guerras, a visita de De Gaulle –, episódios significativos da história local – a erupção do vulcão de Saint-Pierre, a eleição de Aimé Césaire, as revoltas populares de 1969 – e certas datas referentes aos personagens principais do relato que vai se seguir, inscrevendo-os desse modo no mundo real. O leitor fica ciente de certas datas, a morte das person-

---

<sup>18</sup> Oh Sophie ma doudoune, tu dis “l’Histoire”, mais ça ne veut rien dire, il y a tellement de vies et tellement de destins, tellement de tracées pour faire notre seul chemin. Toi tu dis l’Histoire, moi je dis les histoires. Celle que tu crois tige-maîtresse de notre manioc n’est qu’une tige parmi charge d’autres... Cahier nº6 de Marie-Sophie Laborieux. Page 18. 1965. Bibliothèque Schoelcher.

gens, a chegada do jovem urbanista a Texaco e até o encontro de Marie-Sophie, *L'Informatrice*, com Patrick Chamoiseau, autor do livro (NORONHA, 2003, p. 179).

No entanto, quando Fonkoua diz que a ausência da História está no cerne do horizonte da produção literária dos escritores martinicanos, ele pontua uma discussão permanente nas obras que questiona a História contada sob perspectiva eurocêntrica, a qual subjugava em seus registros a tradição e a cultura dos povos que dominou, tanto na África quanto nas Américas<sup>19</sup>.

A discussão reiterada desse tema na produção literária reflete uma forte movimentação entre escritores e intelectuais, a fim de resgatar ou reconstituir não só a história do lugar onde vivem, mas uma identidade cultural própria que se distinguisse da tradição europeia nos temas e na linguagem. Para isso, os escritores não têm outra alternativa senão recorrer às histórias pessoais e familiares de seus povos. Além disso, como a História oficial, que é disseminada nos livros didáticos e nas escolas, omite o passado pré-colonial, seria apenas por meio da literatura, e da arte em geral, que essas culturas poderiam recuperar suas origens, tradições e desenvolvimentos.

Os alunos aprendem que a história “real” está na Europa e que apenas os europeus constituem sujeitos históricos vivendo numa temporalidade progressiva. “Nossos ancestrais, os gauleses”, diz um livro de história francês para alunos da escola secundária no Vietnã e no Senegal, “tinham cabelos loiros e olhos azuis”. Dessa forma as instituições coloniais procuraram destituir certos povos dos ricos atributos culturais que formavam sua identidade comum, deixando um legado de trauma e resistência. (SHOHAT e STAM, 2006, p. 42)

Para Édouard Glissant, a ideia de que o passado antilhano ainda estaria para ser investigado é uma obsessão nas Américas. A questão histórica do passado, ou melhor, a observação ou o forjamento de um passado para a constru-

<sup>19</sup> As características, causas e conseqüências da perspectiva eurocêntrica são amplamente discutidas por Robert Stam e Ella Shohat em *Crítica da imagem eurocêntrica*.

ção de uma história em *Texaco* também se refere à questão da língua, a partir da dicotomia oralidade e escrita – já mencionada – entre o crioulo e o francês. Esse impasse também é decorrência do processo de colonização. Depois que a língua crioula começa a ser transcrita, ela se torna bandeira de autonomia cultural e, embora tenha gerado estranhamentos, é empregada por escritores na produção literária martinicana. Para Glissant, grande parte da produção literária americana é escrita em línguas impostas pelo processo colonial: francês, inglês, português ou espanhol. No caso da literatura das Antilhas francesas, os autores vivem uma escrita forçada em francês enquanto pratica uma oralidade tradicional de sua cultura. Por isso, para Glissant, ao escrever em crioulo, os escritores constroem uma linguagem no limiar entre a escrita e a fala, algo totalmente particular a sua História e as suas origens.

Chamoiseau adere a essa perspectiva de Glissant e em *Éloge de la Créolité* afirma:

La vision intérieure accordée à la pleine acceptation de notre créolité (comme vitalité même de notre créativité) doit irriguer et renforcer de manière toute nouvelle les exigences transitoires définies par Glissant pour l'expression littéraire de l'Antillanité: (...) Notre culture créole s'est forgée dans le système des plantations, à travers une dynamique questionnante d'acceptations et de refus, de démissions et d'assomptions. Véritable galaxie en formation autour de la langue créole comme noyau, la Créolité connaît aujourd'hui encore un mode privilégié: l'oralité. (...) L'oralité créole, même contrariée de son expression esthétique, recèle un système de contre-valeurs, une contre-culture (...) L'oralité alors commença son enlèvement dans notre inconscient collectif (comme en une souterraine transhumance) mais laissant ça et là émerger à l'air libre les fragments épars de son relief discontinué. (BERNABÉ, CHAMOISEAU e CONFILANT, 1989, p. 34-35)

Assim, ao utilizar frases e expressões em crioulo, Chamoiseau ressalta os aspectos contraditórios da dominação e resistência cultural a partir da língua. Em *Texaco*, Marie-Sophie ouve os ensinamentos de seu pai oralmente e ao

transcrevê-los em francês em seus cadernos, algumas expressões próprias do crioulo se tornaram espécies de talismãs. O mais importante, talvez, é o que se classifica por “l’En-Ville” – na tradução brasileira: “A Cidade”.

A fim de escapar da noite escravista e colonial, os negros escravos e os mulatos da Martinica vão, de geração em geração, abandonar as fazendas, os campos e os morros, para se lançar à conquista das cidades (que em crioulo eles chamam de “A Cidade”). Essas múltiplas investidas vão se concluir pela criação guerreira do bairro Texaco e pelo reinado ameaçador de uma cidade gigantesca.<sup>20</sup> (CHAMOISEAU, 1993, p. 13)

É por “l’En-Ville”, “A Cidade”, que Esternome ensina Marie-Sophie. É também por esse “l’En-Ville” que ela invade o terreno da Companhia para construir seu barraco e dar início à formação de Texaco. Por essa noção, ela e seus vizinhos lutam para se manter nessa favela, nesse bairro comunitário. Também é a partir da amplitude de “l’En-Ville” que Marie-Sophie faz seu sermão ao urbanista e depois o narra ao Marcador de Palavras. Desse modo, é como se “l’En-Ville” sintetizasse todas as necessidades reivindicadas por Esternome, que, de acordo com Glissant, seriam primordialmente: língua, história e espaço. E embora esses três pilares do conceito glissantiano sejam equivalentes, isto é, nenhum se sobrepõe a outro, em *Texaco* podemos observar que é por meio da busca, da luta, da construção e da solidificação do espaço que língua e história se tornam questões do romance.

## Do campo à cidade

Nas “Marcas cronológicas de nossas investidas para conquistar a cidade”, “l’En-Ville”, “A Cidade”, já aparece como motivo de toda a saga da protagonista Marie-Sophie. A oposição Campo *versus* Cidade é a primeira caracterís-

<sup>20</sup> Afin d’échapper à la nuit esclavagiste et coloniale, les nègres esclaves et les mulâtres de la Martinique vont, de génération en génération, abandonner les habitations, les champs et les mornes, pour s’élancer à la conquête des villes (qu’ils appellent en créole: “l’En-ville”). Ces multiples élans concluront par la création guerrière du quartier Texaco et le règne menaçant d’une ville démesurée (CHAMOISEAU, 1993, p. 13).

tica de formação do espaço de Texaco. Simbolicamente, o espaço das fazendas de cana-de-açúcar representava o espaço da escravidão, opressor, autoritário e um lugar imposto. Já o espaço urbano da cidade significaria o espaço da liberdade, do alívio, um lugar escolhido. Portanto, o lugar mágico que Marie-Sophie deveria procurar para se estabelecer, para viver, deveria ser n'*A Cidade*, longe das marcas escravistas.

Patrick Chamoiseau recupera, por meio do discurso de Marie-Sophie ao urbanista e ao Marcador de Palavras, os estigmas deixados pela escravidão. As experiências dos ancestrais da narradora-personagem, seus avós, seus pais, são narradas nos dois primeiros terços do romance e ainda permeiam todo o último, quando Texaco está formada e Marie-Sophie apresenta todo o histórico de sua consolidação. As relações de vivência que seus antepassados tiveram nas fazendas emergem da memória daquilo que Marie-Sophie ouvira de seu pai, enquanto que, nos excertos de seus cadernos, as considerações de Esternome apresentam as características da paisagem e do trabalho que desenvolviam, estabelecendo uma coerência discursiva entre esses textos justapostos para apreensão do que de fato fora aquele espaço.

Os meandros da colonização que se apresentam no romance aludem a todo o processo histórico ocorrido nas Américas. Os negros trazidos da África tinham essencialmente um único destino, o trabalho nas culturas agrícolas. As abolições acontecidas em cada país inevitavelmente destinavam os ex-escravos às cidades. No caso martinicano descrito por Marie-Sophie, a principal cidade que se estabelecia como horizonte de seus ancestrais era Saint-Pierre, antiga capital da ilha. “Saint-Pierre era o belo horizonte para quem sabia se virar mas também para quem não tinha nenhum talento”<sup>21</sup> (CHAMOISEAU, 1993, p. 68).

Essa dicotomia seria simples de se compreender se no processo as sucessões acontecessem realmente dessa forma: do campo escravista para a cidade livre. Mas a progressão não era exatamente essa. Em geral, os negros não tinham outra opção senão mudar-se para Saint-Pierre. Após a abolição, a permanência dos negros nas fazendas ficara condicionada ao estabelecimento de novas regras de trabalho, pois, como em outros países da América, a liberdade

---

<sup>21</sup> Saint-Pierre, c'était bel horizon pour qui savait y faire mais aussi pour qui n'avait aucun talent (CHAMOISEAU, 1993, p. 89-90).

ou a condição de cidadão não garantiu aos negros direito de posse ou de livre utilização das terras em que viveram por anos<sup>22</sup>. Do mesmo modo, estabelecer-se no espaço urbano teria suas particularidades: afinal, a cidade também obedecia a regras de propriedade, o que impedia que esses recém-chegados pudessem escolher livremente onde viver.

Esse caráter contraditório da cidade, que é, concomitantemente, espaço das possibilidades e restrições, de certo modo corresponde à indagação de Esternome sobre liberdade: “Na verdade, Sophie minha Marie, eu mesmo, que a recebi, sei que Liberdade não se concede, não deve ser concedida. Liberdade concedida não liberta a alma...”<sup>23</sup> (CHAMOISEAU, 1993, p. 82). Essa concessão da liberdade provoca um descompasso entre a condição e a sensação de ser livre, pois a mudança de estado não traz de volta os elementos de suas deposições e não resgata a integridade social e emocional que se espera de tal ação.

Com Ninon e meu Esternome, o grupo encontrou a Cidade apinhada de negros errantes. As praças estavam transbordando de velhos impotentes, de gente com bouba, lepra, tuberculose, tosse, escarro, negras mais velhas do que o batismo do diabo. Os bekês, felizes por terem se livrado daquilo, haviam-nos abandonado. Na época, aqueles estrepes acabavam de chegar à cidade,

---

<sup>22</sup> Os representantes do governo, e Perrinon à frente, e filas de mulatos, foram extirpar a ilusão da divisão de terras. Todos falaram de Trabalho, Trabalho, Trabalho, retomem o Trabalho em suas fazendas. (...) e explicou que trabalhar para o beké devia ser em duas espécies. A espécie salário, na qual ele paga a você um franco ou dois por tarefa, segundo a palavra que vocês tiveram dado. Ou a espécie meação, na qual vocês dividem com ele o fruto desta temporada, depois que ele tenha retirado a parte de suas despesas (CHAMOISEAU, 1993, p. 107).

Les officiels, et Perrinon en tête, et des queues de mulâtres, vinrent déchouker l'illusion du partage des terres. Tous parlèrent de Travail, Travail, Travail, reprenez le Travail sur vos habitations. (...) et leur expliqua que travailler pour le beké devait se faire en deux espèces. L'espèce salaire où il te paye un franc ou deux francs la tache, selon la parole que vous aurez prise. Ou l'espèce association où vous partagez avec lui le fruit de la saison, après qu'il ait tiré la part de ses dépenses (CHAMOISEAU, 1992, p. 146-147).

<sup>23</sup> En fait, Sophie ma Marie, moi-même qui l'ai recue, je sais que Liberté ne se donne pas, ne doit pas se donner. La liberté donné ne libère pas ton âme... Cahier n° 5 de Marie-Sophie Laborieux. Page 20.1965. Bibliothèque Schoelcher (CHAMOISEAU, 1993, p. 142).

onde supostamente deveria existir aquilo que a liberdade trazia em termos de felicidade<sup>24</sup>. (CHAMOISEAU, 1993, p. 107)

Herdeira de todas as depossições e descompassos sofridos por seus antepassados, Marie-Sophie sabe que conquistar “l’En-Ville” significa mais do que simplesmente deixar o campo e viver na cidade. Na argumentação de seu discurso está implícita a compreensão de que sua liberdade precisará ser conquistada, construída por ela mesma. Ela sabe, ainda, que, da mesma maneira que precisa reconhecer-se no espaço de sua escolha, também é necessário ser reconhecida por ele. Texaco nasce desse reconhecimento. De acordo com suas características, Texaco é uma favela. Marie-Sophie, sua fundadora, já havia vivido em outras favelas na cidade de Fort-de-France (que se tornou capital do país depois que Saint-Pierre fora destruída pela erupção da Montanha Pelée), quando invadiu e ergueu seu barraco no terreno da empresa multinacional Texaco. Ao se estabelecer em um espaço já delimitado por outro dono, a protagonista e as demais personagens empreendem uma luta incessante diante da Companhia Petrolífera e da prefeitura para que estas também reconheçam Texaco.

Assim, o espaço da favela, mais do que um espaço para morar e se fixar na cidade, surge em *Texaco* como uma alternativa de um encontro de si e de seu próprio lugar, pois além de ser escolhido, é o que une as personagens na conquista do direito legal de ali permanecerem. Toda a narração da história de sua vida e de seu povo ao longo de séculos na Martinica é utilizada por Marie-Sophie para justificar as ações que realiza, na tentativa de levar o urbanista Cristo e o Marcador de Palavras, Oiseau de Cham, a reconhecerem como legítimo o seu desejo de “conquistar a cidade”, concretizado pela ocupação do terreno de Texaco.

Longe do humor sugerido por Luce Czyba, Cristo aparece na trama de Chamoiseau simbolizando o poder do Estado, que, na alegoria, não está descolado da religião – o mesmo Estado que avalizara a escravidão e o processo de iniquidade de relações sociais cultivado no pós-abolição. Na qualidade de

---

<sup>24</sup> L'équipage, avec Ninon et mon Esternome, retrouve l'En-ville bourré de nègres errants. Les places étaient ouillées de vieux-corps impotents, de gens à pians, à lèpre, à tuberculose, à tousséments, à crachements, de négresses plus vieilles que le baptême du diable. Les békés, joyeux d'en être déchargés, les avaient délaissés. Ces impioks venaient alors s'échouer dans l'En-ville où était censé battre ce que la liberté apportait comme bonheur (CHAMOISEAU, 1993, p. 148).

urbanista, ele é visto pelos moradores de Texaco como alguém que pode destruir a liberdade e a vida conquistadas naquele espaço, porém, sobre o Estado ele não exerce qualquer poder, e, a única coisa que lhe é possível é compreender o que significa aquele lugar. Ironicamente, aquele cujo nome traz a esperança de salvação, na verdade, tal qual o Cristo messias, tem suas ações limitadas ao ouvir e ao falar, não interferindo nas relações de poder entre o Estado e o povo. Em *Texaco*, Cristo é o mediador, que por tudo aquilo que ouve do discurso de Marie-Sophie contribui para que a prefeitura repense os rumos daquele espaço precário.

Assim, Chamoiseau constrói uma narrativa em que simboliza a favela por meio de uma metáfora bíblica. O espaço para viver livre e feliz fora um direito garantido por Deus na tradição cristã, mas, na evolução da humanidade, se restringiu às relações de conquista e dominação. Aliás, em toda a História, do Egito ou da Grécia Antiga, passando pelo Império Romano, Feudalismo e pelo surgimento dos Estados-Nação da era Moderna, ter direito ou posse sobre espaços sempre simbolizou riqueza, poder, domínio. De acordo com o mito religioso, a posse da Terra Prometida não era o propósito de sua busca. O intuito de chegar a ela era se estabelecer, criar raízes, encontrar seu lugar no mundo. Na atualização literária martinicana, é esse direito à vivência que também permeia toda a luta das personagens.

### **TEXACO, A SAGA IN THE CARIBBEAN**

#### **ABSTRACT**

This paper presents an analysis of *Texaco* from allegories narratives created by Patrick Chamoiseau to compose it as the saga of a people in search of its “Magic Seat”. With attention to the intertextuality between Chamoiseau’s novel and the biblical text, we identify the implications of the paper will struggle for space in the realization of the desire of the characters.

**KEYWORDS:** *Texaco*, spac, identity.

Recebido em: 20/03/12

Aprovado em: 26/11/12